

4 RESULTADOS

Conforme descrevemos nos capítulos anteriores, a família de tiras se diferencia entre si pelo uso da linguagem de quadrinhos que faz uso. Portanto, os seis gêneros que descrevemos por meio de sua Estrutura Potencial (EPG) são distintos. A fim de ressaltar essas diferenças de elementos obrigatórios, opcionais e iterativos, bem como a frequência da linguagem dos quadrinhos utilizada por cada gênero, passamos abaixo a comparar as EPGs configuradas em nossa pesquisa. A seção se divide nas subseções: (a) Estruturas Potenciais de nossa pesquisa em contraste: resultados; e (b) Conclusões.

4.1 As Estruturas Potenciais de nossa pesquisa em contraste

4.1.1 Número de vinhetas e linguagem dos quadrinhos

Iniciamos a nossa comparação analisando o número de vinhetas (ou quadros) de cada tira. Acreditamos que a unidade mínima de análise dos gêneros que utilizam a semiótica dos quadrinhos é a vinheta, logo saber sua quantidade é fundamental na análise dos gêneros pesquisados. O mesmo podemos dizer sobre a quantidade de elementos da linguagem dos quadrinhos utilizada. Ao comparar as Estruturas Potenciais de nosso *corpus* de pesquisa, temos a seguinte composição:

Quadro 152 – O número de vinhetas e da linguagem dos quadrinhos

CORPUS DE TIRAS	Textos	Número de Vinhetas (ou quadros)					Número de elementos da linguagem dos quadrinhos utilizada ¹¹⁸				
		Total	Média	Mediana	Moda ¹¹⁹	Desvio Padrão ¹²⁰	Total	Média	Mediana	Moda	Desvio Padrão
Autobiográfica	20	87	4	3,5	4	1,4	219	11	11,5	12	3,2
Cômica	20	58	3	2,5	3	0,7	183	9,2	9	9	2,5
Livre	20	118	6	7	4	3	348	17	16	16	7,5
Cômica-Seriada	20	74	4	4	4	0,5	186	9,3	9	9	2
Aventura	20	66	3	3	4	0,7	296	15	15	16	3,3
Homenagem	20	40	2	3	1	2,1	85	4,3	1	1	5,8
TOTAL	120	443	22	23	20	8,4	1317	62,5	61,5	63	24,3

Fonte: O autor, 2018

Iniciamos as nossas considerações observando o número de vinhetas dos seis gêneros que investigamos. O número da média e mediana são iguais ou muito próximos, o que revela ser válido o valor da média encontrada. Nesse sentido, podemos dizer que o maior gênero de tiras é a tira livre, com 118 vinhetas, em média 06 vinhetas por texto. A tira de homenagem é o menor gênero, 03 vezes menor que a tira livre, com 40 vinhetas, em média 02 vinhetas por texto.

Conforme a tabela acima, ainda é possível constatar que a tira cômica se diferencia da tira cômica-seriada e autobiográfica pelo número de vinhetas. A tira cômica em média tem 03 vinhetas, enquanto a cômica-seriada e a autobiográfica têm em média 04 vinhetas cada. Isso nos leva a considerar que a tira cômica-seriada e a autobiográfica, por sua extensão, possam merecer um tratamento pedagógico diferenciado em relação à tira cômica. Como vemos, os três gêneros apresentam a moda igual à mediana. Isso significa que frequentemente possuem

¹¹⁸ Conta-se aqui somente os elementos da linguagem de quadrinhos citados por Ramos (2009), a saber: legenda, legenda interativa, balão, linhas e traços, requadro, sarjeta, metáforas visuais, onomatopeias.

¹¹⁹ Moda é o valor que ocorre com maior frequência num dado conjunto.

¹²⁰ O desvio padrão indica uma distância entre os valores medidos e a média. Quanto mais próximo de zero menos os dados medidos variam dentro da média. Em nosso caso, um valor alto no desvio padrão indica que o gênero varia mais, pois se afasta mais do valor da média.

o mesmo número de vinhetas. A partir da moda¹²¹, podemos constatar que 70% das tiras autobiográficas possuem 04 vinhetas; 70% das tiras cômicas, 3 vinhetas e 65% das cômicas-seriadas, 04 vinhetas.

Podemos observar ainda que a tira livre, além de constituir-se no maior gênero em número de vinhetas, é também aquele que utiliza mais elementos da linguagem dos quadrinhos por texto, em média 17. O gênero que menos utiliza a linguagem dos quadrinhos é o menor gênero de tiras (com 02 vinhetas em média por texto, tendo moda de 01 vinheta em 70% de nosso *corpus*), a tira de homenagem, com 2,6 elementos da linguagem dos quadrinhos por texto. Em relação à realização da linguagem dos quadrinhos, a tira de homenagem é também a que apresenta maior amplitude. Há tiras de homenagem que não apresentam elementos da linguagem dos quadrinhos e outras que apresentam 25 elementos. Isso nos leva a considerar o gênero como o mais instável da família das tiras. Nesse caso, o valor da moda é significativo, uma vez que ele nos indica que 45% dessas tiras realizam apenas 01 elemento da linguagem dos quadrinhos por texto. O valor do desvio padrão dos elementos da linguagem dos quadrinhos (5,8) e do número de vinhetas (2,1) também indica que a tira de homenagem é o mais instável dos seis gêneros, pois há grande variação ao se comparar com os valores de suas médias.

Constatamos ainda¹²² que, em média, as tiras autobiográfica, cômica, livre, cômica-seriada e de homenagem possuem 03 elementos da linguagem de quadrinhos por vinheta. A tira de aventura é o único dos seis gêneros que possui 4 elementos da linguagem dos quadrinhos por vinheta. Esse fato corrobora a afirmação anterior, a de que o gênero tira de aventura realiza mais elementos da linguagem dos quadrinhos que outros gêneros da família de tiras. Tendo em vista a maior moda (16) em relação à realização da linguagem dos quadrinhos, constatamos ainda que, na tira de aventura, 35% de seus textos apresentam 09 elementos da linguagem dos quadrinhos por texto.

¹²¹Para chegar a esse resultado, contamos o número de vezes que cada número se repetiu e transformamos em porcentagem.

¹²²Chegamos a essa conclusão ao dividir a média da linguagem dos quadrinhos pela média do número de vinhetas. A tira autobiográfica obteve nesse cálculo 2,8; a tira cômica 3; a livre 3; a cômica-seriada 2,7; e a tira de homenagem 2,8.

4.1.2 Comparando Elementos da EPG

Abaixo comparamos o número de elementos obrigatórios, opcionais e iterativos de nosso *corpus* de pesquisa. Buscamos analisar o grau de complexidade de cada gênero de tiras, bem como seu grau de instabilidade.

Quadro 153 – A Estrutura Potencial em contraste

CORPUS de tiras	Elementos da Estrutura Potencial (EPG)				
	Obrigatórios	Opcionais	Iterativos		Total de Elementos
			OB	OP	
Autobiográfica	08	03	03	03	17
Cômica	08	03	03	03	17
Livre	07	01	04	04	16
Cômica-Seriada	07	00	03	03*	13
Aventura	10	02	06	00	18
Homenagem	04	05	00	07	16
			19	20	
TOTAL	44	14	39		97

*Um dos elementos é opcional (a legenda), mas em estado de transição/mudança.

Fonte: O autor, 2018

Conforme o quadro acima, evidenciamos que a família de tiras no geral é um gênero discursivo bastante estável. De 97 elementos que se realizam no gênero, 44 são obrigatórios, cerca de 45,4%; 14 são opcionais, cerca de 14,5%; e 39 são iterativos, cerca de 40,3%. Para um gênero discursivo que utiliza a linguagem dos quadrinhos, as tiras possuem um alto grau de recursividade¹²³, com 39 elementos iterativos, sendo 19 obrigatórios e 20 opcionais. Esses números podem ser comparados com outros gêneros que utilizam a linguagem dos quadrinhos, que nos levaria a resultados interessantes. No entanto, como este não é o nosso objetivo, cabe-nos destacar aqui, dos seis tipos de tira investigadas, o gênero mais complexo e o menos complexo. Acreditamos que a complexidade de um gênero se dá pelo número de

¹²³ A recursividade aqui pode ser vista como um recurso de argumentação, já que sua presença e repetição conferem ao texto um grau de persuasão maior do que os demais que não utilizam tal recurso.

elementos que o compõem. Quanto mais elementos, mais complexo é o gênero; o contrário também é verdade.

Nesse sentido, claramente, o gênero que possui menor complexidade, em termos de estrutura genérica, é a tira cômica-seriada, com apenas 13 elementos em sua estrutura, ao passo que o que possui a maior complexidade, dada a estrutura genérica, é a tira de aventura, com 18 elementos.

Do conjunto de tiras, a tira de homenagem é o gênero mais instável. Isso porque o número de elementos obrigatórios (04) é menor do que o número de elementos opcionais (07), quase o dobro, 175%. Além disso, na tira de homenagem, a iteratividade ocorre somente com elementos opcionais, o que aumenta sua instabilidade. Da mesma forma, dos seis gêneros investigados, a tira de aventura é o de maior recursividade, com 06 elementos obrigatórios e iterativos.

A tira autobiográfica e a tira cômica se assemelham no tocante à Estrutura Potencial: ambos possuem 08 elementos obrigatórios, 03 opcionais e 06 iterativos. Eles também possuem os mesmos elementos obrigatórios. Esse fato, entretanto, como discutimos na seção teórica de nosso trabalho¹²⁴, não faz com que a tira cômica seja o mesmo gênero da tira autobiográfica. A frequência e a realização dos elementos opcionais e iterativos também podem determinar a diferença entre os gêneros, que, a princípio, são muito similares. Levando-se em consideração a metáfora do DNA, no qual observamos a EPG como o DNA do gênero que cria espécies textuais únicas, podemos considerar que a diferença entre as espécies está em torno 5% de seu DNA¹²⁵. Isso significa dizer que, em geral, os gêneros de tiras são muito parecidos, variando muito pouco entre si. *Se essa variação por igual ou superior a 5% do total de sua EPG, temos um novo gênero do discurso.* Nesse caso, a tira autobiográfica é um novo gênero do discurso, não é uma tira cômica, pois apresenta um elemento novo em sua estrutura, o Fotorretrato, que faz corresponder a uma variação superior a 5% do total da estrutura do gênero (0,85 elementos ou, em termos redondos temos 01 elemento). Por sua vez, a tira cômica também realiza um elemento que a tira autobiográfica não apresenta, a Sequência da Narração, que corresponde a uma variação de 5% do total da estrutura do gênero (0,85 elementos ou, em termos redondos temos 01 elemento). Ao comparar os dois gêneros, observamos que variam em 02 elementos, o que nos leva a uma variação total de 10% (1,7 elementos).

¹²⁴ Seção 3.7 do Marco teórico.

¹²⁵FOLHA DE SÃO PAULO. Diferença entre DNA de homem e chimpanzé é de 5%, diz cientista. 23/09/2002. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u7277.shtml> . Acesso em: Fev. 2018.

Vale dizer ainda que internamente os gêneros realizam frequências diferentes para cada elemento realizado, seja ele obrigatório, opcional ou iterativo, o que corrobora para a manutenção de um novo gênero do discurso. Como exemplo, apresentado mais à frente, temos a frequência da Legenda em cada gênero. Na tira autobiográfica, a legenda é obrigatória e iterativa, com frequência de 80%. Já na tira cômica, a legenda é opcional e iterativa, e realiza-se com a frequência de 15%. Essa variação também nos leva a perceber os dois gêneros como distintos. *Logo, deve-se somar a variação da estrutura total da EPG à variação da frequência de realização de cada elemento, seja ele obrigatório, opcional ou iterativo.*

Após a análise quantitativa e as considerações aqui presentes, passemos à apresentação em contraste os elementos obrigatórios, opcionais e iterativos que se realizam¹²⁶ e sua frequência em cada gênero de tiras de nossa pesquisa:

¹²⁶A obrigatoriedade é representada pela cor amarela. A opcionalidade é representada pela cor laranja. Os elementos em estágio de transformação/mudança estão representados pela cor vermelho. Por fim, a iteração está marcada pela presença do sublinhado.

Quadro 154 – Realização de elementos da EPG e sua frequência em nosso *corpus* de estudo

CORPUS DE PESQUISA	TIRA AUTOBIOGRÁFICA	TIRA CÔMICA	TIRA LIVRE	TIRA CÔMICA-SERIADA	TIRA DE AVENTURA	TIRA DE HOMENAGEM	TOTAL
ELEMENTOS DA EPG							
Formato Retangular (FR)	20 (100%)	20 (100%)	--	20 (100%)	20 (100%)	--	80
Formato Irregular (Fir)	--	--	20 (100%)	--	--	--	20
Assinatura Autoral (Aau)	0%*	0%*	20 (100%)	20 (100%)	16 (80%)	20 (100%)	76
Identificação Bibliográfica (Ib)	20 (100%)	0%*	20 (100%)	0%*	0%*	--	40
Estrutura Narrativa (EN)	20 (100%)	20 (100%)	20 (100%)	20 (100%)	20 (100%)	--	100
Personagem (ficcional) (P)	20 (100%)	20 (100%)	20 (100%)	20 (100%)	20 (100%)	20 (100%)	120
Legenda (Lg)	16 (80%)	03 (15%)	12 (55%)	14 (70%)	18 (90%)	03 (15%)	66
	Frequência: 53	Freq. 05	Freq. 56	Freq. 34	Freq. 29	Freq. 09	186
Fotoretrato (FRetrat)	04 (20%)	--	--	--	--	--	04
Balão (B)	19 (95%)	17 (85%)	18 (90%)	18 (90%)	20 (100%)	09 (45%)	101
	Frequência: 58	Freq. 59	Freq. 60	Freq. 58	Freq. 118	Freq. 33	386
Onomatopeia (On)	01 (05%)	03 (15%)	01 (5%)	--	02 (10%)	02 (10%)	09
Linhas e Traços (Lt)	09 (45%)	09 (45%)	10 (50%)	10 (50%)	16 (80%)	06 (30%)	60
	Frequência:18	Freq. 24	Freq. 31	Freq. 19	Freq. 52	Freq. 12	156
Metáfora Visual (MV)	03 (15%)	01 (5%)	01 (5%)	02 (10%)	--	02 (10%)	09
	Frequência: 03	Freq. 02	Freq. 03	Freq. 02	Freq. --	Freq. 02	12
Legenda Interativa (Lgl)	05 (25%)	02 (10%)	--	--	--	01 (5%)	08
	Frequência: 06	Freq. 02	Freq. --	Freq. --	Freq. --	Freq. 05	13
Espaço (E)	20 (100%)	20 (100%)	20 (100%)	20 (100%)	20 (100%)	--	100
Sarjeta (Sar)	03 (13%)	19 (95%)	20 (100%)	20 (100%)	20 (100%)	05 (25%)	84
	Frequência: 07	Freq. 39	Freq. 97	Freq. 46	Freq. 46	Freq. 10	245
Requadro (Rq)	19 (95%)	20 (100%)	20 (100%)	20 (100%)	20 (100%)	08 (40%)	107
	Frequência: 76	Freq. 57	Freq. 118	Freq. 54	Freq. 57	Freq. 24	386
Tempo (Tem)	20 (100%)	20 (100%)	20 (100%)	20 (100%)	20 (100%)	--	100
COR (C)	20 (100%)	20 (100%)	20 (100%)	20 (100%)	20 (100%)	20 (100%)	120
Sequência da Narração (SN) ou Seriação (S)	--	02 (10%)	--	20 (100%)	--	--	22
Sinestesia (SNest)	--	--	10 (50%) – Freq. 15	--	--	--	10
Ponto de Reflexão (PR)	--	--	20 (100%) Freq. 30	--	--	--	20
Data (Dt)	--	--	--	--	16 (80%)	--	16
Licença de publicação (LP)	--	--	--	--	16 (80%)	--	16
Título da Aventura (TA) ou (Tit)	--	--	--	--	07 (35%)	04 (20%)	11
Homenagem (HM)	--	--	--	--	--	20 (100%)	20
Encontro de Personagens (EnP)	--	--	--	--	--	07 (35%) – Freq. 23	07
Declaração (Dcl)	--	--	--	--	--	07 (35%)	07
Recordar acontecimentos em forma de narração (RAN)	--	--	--	--	--	06 (30%)	06

Fonte: O autor, 2018

Ao analisar a tabela acima, percebemos que os seis gêneros de tira apresentam semelhanças e diferenças. Ainda que com diferentes frequências de realização, todos os seis gêneros trazem personagem ficcional (que ocorre 120 vezes em 120 textos), balão (que ocorre

101 vezes em 120 textos), legenda (que ocorre 66 vezes em 120 textos), sarjeta (que ocorre 84 vezes em 120 textos), requadro (que ocorre 107 vezes em 120 texto) e linhas e traços (que ocorre 60 vezes em 120). Por sua alta frequência, os cinco primeiros elementos podem ser identificados como obrigatórios para a família de tiras, bem como o último, por sua baixa frequência, pode ser considerado opcional. Isso, portanto, caracteriza a família de tiras.

A assinatura autoral também se repete em todos os seis gêneros. Entretanto, como destacamos com 0%* de realização, ela nem sempre está visível no gênero. Como já discutimos nesse trabalho, isso ocorre, pois esse elemento foi realizado pelo suporte e, por isso, não se repete em cada exemplar de texto de nosso *corpus* de tiras. Como a assinatura autoral, a cor ocorre em todos os seis gêneros. Como sabemos, a variação entre colorido e preto-e-branco também sofre influência da Configuração da Situação Material (CSM) ou suporte.

Quando focalizamos as singularidades de cada gênero, observamos que certos elementos só se realizam em um dos seis deles, conforme destacamos em negrito no quadro respectivo. Tal fato, como adiantamos na seção anterior, leva-nos a considerar que estamos, de fato, diante de 06 gêneros de tiras diferentes, que variam entre em 5% ou mais.

A tira livre, por exemplo, é a única que apresenta o elemento obrigatório Formato Irregular (Fir) (obrigatório), Sinestesia (Snest) (iterativo e opcional) e Ponto de Reflexão (PR) (iterativo e obrigatório). A tira autobiográfica, a única que realiza o elemento opcional Fotorretrato (FRetrat). A tira cômica, a única que realiza o elemento opcional Sequência da Narração (Sn). A tira de aventura, a única que realiza os elementos obrigatórios Data (Dt) e Licença de Publicação (LP). Por fim, a tira de homenagem, a única que apresenta os elementos Homenagem (HM) (obrigatório), Encontro de Personagens (EnP) (iterativo e opcional), Declaração (Dcl) opcional, e Recordar Acontecimentos em forma de Narração (RAN) (opcional). A tira cômica-seriada não apresenta elementos que lhe são exclusivos. A fim de ilustrar o que evidenciamos, passemos a analisar o quadro abaixo:

Quadro 155 – Verificação de elementos que lhe são próprios e a identificação de um novo gênero

EPG	Tiras					
	Autobiográfica	Cômica	Livre	Cômica-Seriada	Aventura	Homenagem
Número total de elementos	17	17	16	13	18	16
Elementos próprios	01	01	03	00	02	04
Valor da variação em 5%	0,85	0,85	0,8	0,65	0,9	0,8

Fonte: O autor, 2018

Como podemos observar acima (Quadro 155), cinco dos seis valores de elementos próprios de cada gênero são superiores ao valor da variação de 5%. Logo, isso nos indica que esses gêneros são distintos entre si. O único valor de elementos próprios que é inferior ao valor da variação de 5% é o que pertence à tira cômica-seriada, pois este não apresenta elementos próprios. Ainda assim, a tira cômica-seriada se compõe de 13 elementos, o que a faz variar muito do número total de elementos dos outros gêneros – numa amplitude de 3 a 5 elementos – o que nos leva também a considerá-la como um gênero discursivo, apesar de não apresentar elementos que lhe são próprios.

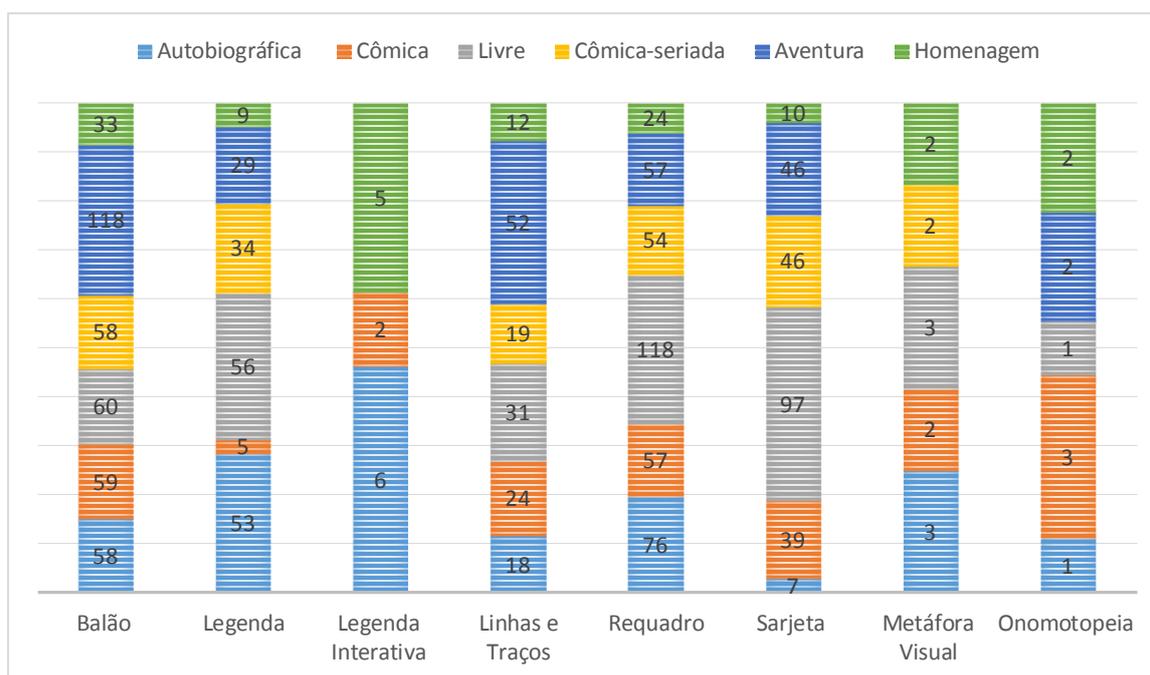
A seguir, prosseguimos nossa análise, apresentando a frequência de realização da linguagem dos quadrinhos em cada gênero, sua variação interna, o que acaba por corroborar a conclusão de que estamos diante de seis gêneros discursivos particulares.

4.1.2.1 A linguagem dos quadrinhos utilizada

Ao compararmos os elementos da linguagem dos quadrinhos de cada gênero¹²⁷, observamos que, quando iterativos, cada um deles apresenta uma frequência diferente. Em ordem crescente, temos que a metáfora visual se repete 9 vezes; a onomatopeia, 9 vezes; a legenda iterativa, 13 vezes; a legenda, 186 vezes; linhas e traços se repetem 156 vezes; sarjeta se repete 245 vezes; balão e requadro se repetem 386 vezes cada um. Como se verifica, o requadro e o balão são os elementos da linguagem dos quadrinhos mais utilizados e, portanto, com maior recursividade, ambos com cerca de 29,4%, seguidos de sarjeta com 18,7% de ocorrências. A linguagem dos quadrinhos que menos se realiza em nosso *corpus* são a metáfora visual e a onomatopeia, cada uma com 0,69% ocorrências, seguidas de legenda interativa, com 0,98% de ocorrências. A fim de comparar a frequência da linguagem dos quadrinhos em cada gênero, apresentamos o gráfico abaixo:

¹²⁷ Conforme o quadro anterior, o número total de elementos da linguagem dos quadrinhos realizados é de 1317. A fim de facilitar nossos cálculos, consideramos apenas como elementos da linguagem dos quadrinhos (Cf. RAMOS, 2009) legenda, legenda interativa, balão, linhas e traços, requadro, sarjeta, metáforas visuais, onomatopeias.

Gráfico 08 – Elemento da linguagem dos quadrinhos por gênero de tiras



Fonte: O autor, 2018

A partir do gráfico acima, observamos que os gêneros que estudamos realizam cada elemento da linguagem dos quadrinhos em frequência diferente, o que evidencia sua variação interna, levando-nos a considerá-los, como já afirmado, como gêneros distintos. Como elementos opcionais, metáfora visual e onomatopeia são os que menos se realizam em cada gênero; possuem, portanto, menor recursividade.

Quando observarmos os elementos que mais se realizam por gênero, verificamos que a tira de aventura é o gênero que mais realiza o balão (118 vezes). Quando observamos a legenda, temos que esta, por sua alta recursividade, é importante para a tira autobiográfica (com 53 ocorrências) e para a tira livre (com 56 ocorrências). A legenda interativa como elemento opcional ocorre pouco, mas merece destaque na tira autobiográfica, na qual surge 06 vezes. Dos seis gêneros analisados, linhas e traços predominam na tira de aventura, com 52 ocorrências. O requadro e a sarjeta acompanham o número de vinhetas de cada gênero. Nesse caso, quanto mais vinhetas, mais esses elementos se realizam. Logo, o gênero que mais apresenta requadros e sarjetas é a tira livre, com 118 ocorrências para o primeiro e 97 ocorrências para o segundo.

4.1.2.2. Balões

A partir dos números apresentados no Gráfico 08, podemos ainda indicar quais elementos da linguagem dos quadrinhos mais se realizam em cada categoria apresentada. No que se refere aos balões, temos a realização de 386 em 120 textos.

Quadro 156 – Balões em contraste

Balão	Tiras					
	Autobiográfica	Cômica	Livre	Cômica-Seriada	Aventura	Homenagem
Balão-fala	40	56	38	58	96	31
Balão-composto	04	00	06	00	05	00
Balão-de-apêndice-cortado	08	00	08	00	01	00
Balão-de-linhas-quebradas	01	03	01	00	00	00
Balão intercalado	02	00	01	00	02	00
Balão-pensamento	01	00	06	00	13	01
Balão-especial	02	00	00	00	00	00
Balão-berro	00	00	00	00	01	01
TOTAL	58	59	60	58	118	33
Total: 386						

Fonte: O autor, 2018

A partir do quadro acima, verificamos que o tipo de balão mais realizado pelos gêneros de tiras é o balão-fala. Merece destaque, apesar de sua baixa frequência, a realização do balão-pensamento nas tiras de aventura (13 vezes). Como se percebe, o número de balões realizados nas tiras é restrito a poucos gêneros. A tira cômica-seriada, por exemplo, só realiza balão-fala. A tira de homenagem só realiza dois balões diferentes do balão-fala.

4.1.2.3 Linhas e traços

O elemento linhas e traços, que podem assumir significados diversos, temos que o movimento, juntamente com a linha cinética de fumaça, é o significado mais recorrente nas tiras, realizando-se pelo menos uma vez em cada gênero analisado.

Quadro 157 – Linhas e traços em contraste

Linhas e traços	Tiras					
	Autobiográfica	Cômica	Livre	Cômica-Seriada	Aventura	Homenagem
Linhas cinéticas (movimento)	06	03	07	12	21	05
Linha cinética (fumaça)	03	01	04	03	02	04
Gotas suor (desejo)	01	00	00	01	00	00
Gotas de suor (literal)	00	04	07	00	02	01
Gotas suor (medo/desespero)	02	12	00	00	01	00
Linhas cinéticas (cheiro)	01	01	02	00	00	00
Linha cinética (calor)	00	01	00	00	00	00
Linha cinética (voz alta) ou gritos	03	00	01	00	01	00
Linha cinética (voz baixa)	00	01	00	00	00	00
Linha (indica desconsolo)	02	00	01	00	00	00
Linha (indica irritação)	00	01	00	00	00	00
Flash (Luz) ou brilho	00	00	05	01	07	00
Bolhas de oxigênio (ao mergulhar)	00	00	04	00	00	00
Lágrimas ao chorar	00	00	02	02	00	00
Pulos	00	00	00	00	03	00
Tontura	00	00	00	00	01	01
Grude na parede	00	00	00	00	01	00
Poeira	00	00	00	00	01	00
Espanto ou surpresa	00	00	00	00	07	01
Alerta	00	00	00	00	01	00
Batida	00	00	00	00	01	00
TOTAL	18	24	31	19	52	12

Fonte: O autor, 2018

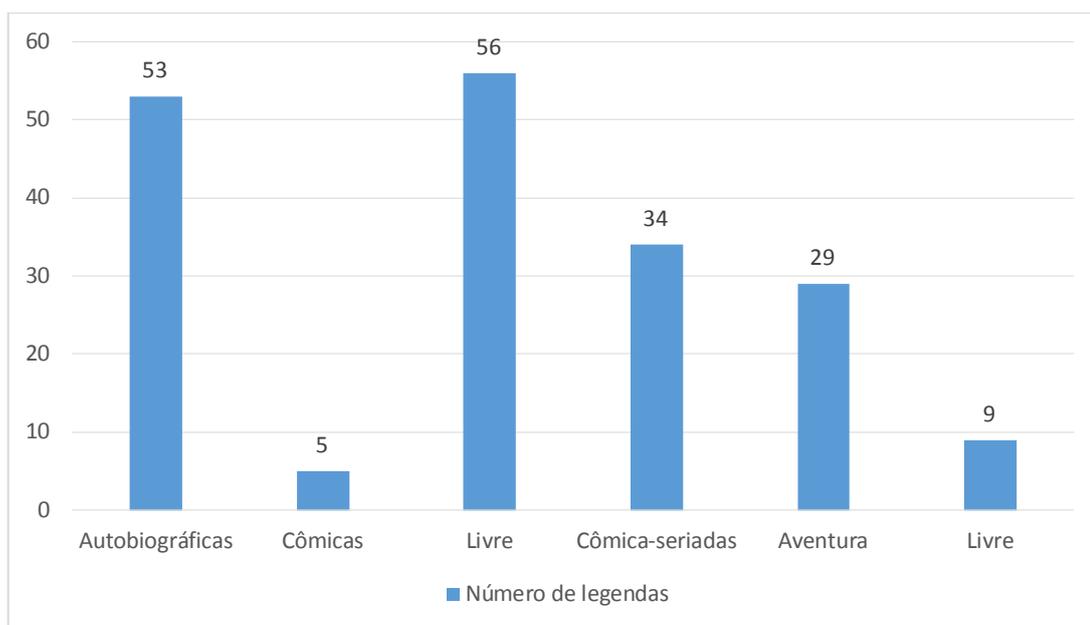
Nas tiras cômicas predomina a gota indica medo ou desespero, e não a linha de movimento. Por sua vez, nas tiras cômica-seriada e livre, não apresenta tal significado. Merece destaque a grande realização da linha de movimento nas tiras de aventura (21 vezes). Isso é motivado pelo tema da tira, aventura, o que sugere ação e muita movimentação. Ainda que possamos tecer essas considerações, há linhas e traços que surgem poucas vezes, com variação de 1 a 3 realizações. Os baixos índices nos revelam que, além dos valores que destacamos, não há um padrão de significado desses componentes nas tiras.

4.1.2.4 Legendas

As legendas constituem o mais instável elemento nos gêneros que estudamos. Apesar de iterativo para todas as tiras, a legenda é obrigatória para as tiras autobiográficas e de aventura; opcional para as tiras cômica, livre e de homenagem. Na tira cômica-seriada, a legenda é opcional, mas em estágio de mudança-transformação.

Não foi possível estabelecer um padrão de frequência quanto aos significados das legendas, como o fizemos com as linhas e traços. Ainda assim, cabe destacar alguns significados particulares em cada um dos gêneros de estudo. Antes, entretanto, recordemos o número de legendas realizadas em nosso *corpus*:

Gráfico 09 – Número de legendas nas tiras de nosso *corpus*



Fonte: O autor, 2018

A tira autobiográfica apresenta a legenda com 05 funções: recordatária, identificadora de ano/momento dos episódios ocorridos, apresentadora das pessoas que irão surgir na tira, reveladora de local/circunstância do evento e avaliadora. A tira cômica, por sua vez, possui apenas 5 ocorrências de legendas em 03 exemplares de tiras, e apresenta apenas três funções: expressar pensamentos, apresentar personagens e favorecer a passagem do tempo. A tira livre revela uma única função, a de expressar o pensamento e as reflexões dos personagens. A tira cômica-seriada se limita a apresentar o pensamento de seu personagem principal. A tira de aventura apresenta 06 funções: apresentar personagens; indicar o que virá a seguir; recordar o que aconteceu anteriormente na tira e mostrar o local onde se está no momento (recordatário); narrar a história como um narrador onisciente; explicar o que acontece na cena; e indicar passagem do tempo. Por fim, a tira de homenagem apresenta 03 funções: de conclusão; de apresentação de personagens ou monumentos; e a de narrador onisciente.

Como se conclui, a tira de aventura é a que mais funções dá à legenda, enquanto as tiras cômica e de homenagem são as que realizam menos funções para a legenda, ambas com

três. Vela destacar que a tira autobiográfica é a única que apresenta a legenda com valor de avaliação, enquanto a tira livre, a única que apresenta a legenda com valor de reflexão/conclusão.

4.1.2.5 Tempo

Passemos agora a analisar o espaço e o tempo nas tiras de nosso *corpus* de estudo. O tempo, em todas as seis tiras, é exposto de maneira similar, como podemos observar abaixo:

Quadro158 – O tempo em contraste

TEMPO	Tiras					
	Autobiográfica	Cômica	Livre	Cômica-Seriada	Aventura	Homenagem
Sequência de um antes e um depois	120	120	120	120	120	--
Época histórica	11	00	00	00	00	--
Astronômico	00	00	00	00	00	--
Meteorológico	00	00	00	00	00	--
Narração	120	120	120	120	120	--
Leitura	120	120	120	120	120	--
TOTAL	371	360	360	360	360	--
Total: 1811						

Fonte: O autor, 2018

Como podemos observar, exceto na tira de homenagem, que não realiza o elemento tempo, todas as tiras possuem uma *sequência de um antes e um depois*, o *tempo de narração* e o *tempo de leitura*. A tira autobiográfica é a única que apresenta um tempo diferente do conjunto de tiras analisado. Surge nessa tira o tempo histórico. Acreditamos que esse tipo de tempo, embora pouco realizado (11 ocorrências em 371) é opcional para o gênero toda vez em que se precisa recordar de um momento da vida pessoal do autor da tira.

4.1.2.6 Planos de visão

Após a análise do tempo, passemos a analisar o espaço. O plano de visão mais realizado nos seis gêneros de nosso *corpus* é bastante variado, o que serve de parâmetro para diferenciar os gêneros.

Quadro 159 – Planos de visão em contraste

Planos de visão	Tiras					
	Autobiográfica	Cômica	Livre	Cômica-Seriada	Aventura	Homenagem
Plano geral ou panorâmico	10	04	08	01	01	12
Plano total ou de conjunto	18	31	40	11	39	00
Plano americano	15	00	02	04	00	00
Plano médio	19	04	14	25	11	00
Primeiro Plano	03	15	07	22	08	04
Plano Detalhe	11	04	46	11	07	00
Plano em perspectiva	01	00	01	01	00	00
TOTAL	87	58	118	74	66	16
Total: 419						

Fonte: O autor, 2018

Como podemos analisar no quadro acima (Quadro 159), a tira autobiográfica realiza com maior frequência o plano médio, com 19 ocorrências em 87 (22%); o plano total ou de conjunto, com 18 ocorrências em 87 (21%); e o plano de americano, com 15 ocorrências em 87 (17,3%), enquanto os outros gêneros quase não realizam tal plano. Esse resultado nos leva a acreditar que a tira autobiográfica valoriza o diálogo entre os personagens no cenário, bem como dá destaque aos personagens e as suas características. Quanto ao espaço (plano de visão), a tira cômica realiza com maior frequência o plano total ou de conjunto com 31 ocorrências em 58 (53,5%), o que sugere que a tira cômica, mais do que a autobiográfica, enfatiza muito mais o personagem no cenário na construção de seu texto. A tira livre, por sua vez, realiza com maior frequência o plano detalhe, com 46 ocorrência em 118 (39%); e o plano total, com 41 ocorrências em 118 (35%). Esse resultado sugere que a tira livre valoriza a ação específica ou em detalhe dos personagens no cenário.

Ao analisarmos a tira cômica-seriada, percebemos que esta realiza com maior frequência o plano médio, com 25 ocorrências em 74 (34%); e o primeiro plano, com 22 ocorrências em 74 (30%). Esse resultado indica que a tira cômica-seriada enfatiza o diálogo ao contrário da ação dos personagens no cenário, como na tira autobiográfica e cômica. Diferentemente das demais tiras, a tira de aventura realiza com maior frequência somente o plano total ou de conjunto, com 38 ocorrências em 66 (58%). Isso sugere que a tira de aventura enfatiza o cenário e as ações dos personagens no cenário (suas ações) e não tanto o seu diálogo. Por fim, temos que a tira de homenagem não realiza o espaço, a não ser quando o elemento tem como função *recordar acontecimentos em forma de narração*. Logo, a tira de homenagem realiza poucos planos de visão, 16 no total, com o predomínio do plano geral ou panorâmico (12 ocorrências em 16). Isso sugere que, diferente das outras cinco tiras estudadas

em nossa pesquisa, a tira de homenagem enfatiza o cenário em detrimento do diálogo ou personagem.

Das tiras de nosso *corpus*, quase nenhuma realiza o plano perspectiva (3 ocorrências em 419). Isso nos indica que as tiras em geral não utilizam cenários em profundidade, como o fazem as Histórias em Quadrinhos de maior extensão, tais como as de super-heróis.

4.1.2.7 Ângulos de visão

Uma vez analisado os planos de visão, passemos a observar os ângulos de visão. Todas as tiras realizam com maior frequência o ângulo de visão médio, como podemos observar abaixo.

Quadro 160 – Ângulos de visão em contraste

Ângulo de Visão	Tiras					
	Autobiográfica	Cômica	Livre	Cômica-Seriada	Aventura	Homenagem
Médio	85	50	115	74	51	18
Superior	02	06	04	00	06	04
Inferior	00	02	02	01	09	00
TOTAL	87	58	121	75	66	22

Fonte: O autor, 2018

Esse resultado indica que, na maior parte das vezes, na construção das tiras não são levadas em consideração relações de poder entre os personagens (EISNER, 1999). Em sua maior parte, o leitor não apresenta poder sobre a cena, com a realização de ângulos de visão; ou ainda os personagens não apresentam poder sobre o leitor, com a realização de ângulos de visão inferior.

4.1.2.8 Transição de Quadros

Depois da análise dos ângulos de visão, passemos à análise da transição de quadros.

Quadro 161 – A transição de quadros em contraste

Transição de Quadros	Tiras					
	Autobiográfica	Cômica	Livre	Cômica-Seriada	Aventura	Homenagem
Movimento-a-movimento	00	00	12	01	00	00
Ação-pra-ação	34	40	34	42	33	16
Tema-pra-tema	24	00	00	08	00	02
Cena-pra-cena	06	02	41	02	11	00
Aspecto-pra-aspecto	00	00	05	02	02	00
<i>Non-sequitur</i>	00	00	12	00	00	00
TOTAL	64	42	104	55	46	18

Fonte: O autor, 2018

Conforme apresentado no quadro acima (Quadro 161), a maior parte das tiras realiza a transição de quadros ação-pra-ação. Somente a tira livre não apresenta a maior parte de seus textos realizados pela transição de quadros ação-pra-ação. Na tira livre há o predomínio da transição cena-pra-cena (41 ocorrências de 104, 40%), embora também ocorra a transição de quadros ação-pra-ação (34 ocorrências de 104, 33%). Isso significa que esse gênero prefere a troca de cenas, o que indica maior mobilidade dos personagens apresentados. É a tira livre ainda o único dos seis gênero que realiza a transição de quadros *non-sequitur* (12 ocorrências de 104, 12%) o que favorece a instabilidade do gênero.

4.1.2.9 Personagens

O elemento personagem é caracterizado pelos seis gêneros de nossa pesquisa como obrigatório e surge em todos os textos com frequência de 100%. Os personagens, como o caracterizamos, podem ser principais, coadjuvantes e figurantes. Cada gênero os realiza em uma frequência diferente, como podemos observar abaixo:

Quadro 162 – Número de personagens em contraste

Número de Personagens	Tiras					
	Autobiográfica	Cômica	Livre	Cômica-Seriada	Aventura	Homenagem
Principal/homenageado	1	1	00	1	1	1
Coadjuvante	26	22	00	67	23	28
Figurante	06	11	91	04	43	09
Total de personagens por conjunto de tiras, ainda que repetidos em um mesmo texto	55	53	91	52	84	61

Fonte: O autor, 2018

Excetuando a tira livre, cada tira apresenta apenas um personagem (ou homenageado), a saber: Adão Iturrusgarai na tira autobiográfica; Kiki na tira cômica; Ed Mort na tira cômica-seriada; Peter Parker (o Homem-Aranha) na tira de aventura; e Mafalda (ou sua turma) na tira de homenagem.

A tira cômica-seriada é a que apresenta mais personagens coadjuvantes, 67 ocorrências em 72, cerca de 93%. Isso significa que a história apresentada (no caso um mistério policial) necessita da interação de vários personagens no desenvolvimento de narrativa. Por sua vez, a tira livre não apresenta personagens coadjuvantes, pois a reflexão começa e se encerra em um único texto, não havendo sequer a repetição de qualquer personagem. Disso resulta a grande quantidade de personagens figurantes, o que, por sua vez, caracteriza o gênero tira livre.

4.1.3. Campo, relação e modo

Passemos a observar as variáveis de campo, relação e modo em contraste. Os seis gêneros apresentam a mesma relação e modo, daí a dificuldade de diferenciá-los. A relação se caracteriza por dois elementos, um autor, na posição de desenhista (Adão, Fábio Moon e Gabriel Bá, Luiz Fernando Verríssimo e Miguel Paiva, Stan Lee e John Romita); e um leitor, na posição de interessados em quadrinhos (ou humor). Nessa variável, a tira de homenagem é mais específica. O autor é aquele que realiza a homenagem (há vários e distintos) e os leitores, aqueles interessados na pessoa homenageada ou em quem prestou a homenagem. Os diferentes autores que fazem a homenagem acabam por contribuir para sua instabilidade, acrescentando elementos opcionais e diferentes recursos de iteratividade ao gênero.

A variável modo, nos seis gêneros, corresponde à linguagem escrita, constituída a partir da associação entre imagem e texto num processo dialógico. O foco do texto é imagético (canal gráfico, meio escrito), em que a linguagem verbal tem o papel de auxiliar na construção textual.

É a variável campo, como podemos observar, a que distingue os gêneros entre si. A tira autobiográfica visa à construção de uma narração autobiográfica que pretende recordar aspectos da vida do autor da tira, com ou sem humor. A tira cômica, por sua vez, visa à produção de uma narração ficcional curta de cunho humorístico, não biográfico. A tira livre, à

elaboração de reflexão subjetiva acerca de uma cena descritiva construída por meio de sinestesia verbo-visual. A tira cômica-seriada, a exemplo da tira cômica, visa à construção de uma narração ficcional, mas, dessa vez, longa e de cunho sequencial. A tira de aventura tem o propósito de construir uma narrativa ficcional curta de cunho sequencial e não humorístico, cujo tema é a aventura. E, por fim, a tira de homenagem visa a homenagear uma personalidade.

Como se observa, o campo de cada gênero é distinto. O fato de a tira autobiográfica, a cômica, a cômica-seriada e a de aventura terem o ato de narrar como propósito aproxima os quatro gêneros, ao passo que os distancia da tira livre, que quer descrever, e da tira de homenagem, que pretende homenagear, um movimento mais distante de narrar. Disso resulta a realização de elementos que se apresentam unicamente em cada um dos gêneros. A tira livre, por exemplo, apresenta 03 elementos que lhe são próprios; e a tira de homenagem, 04.

CONCLUSÕES

Em nossa pesquisa, buscamos descrever a Configuração Contextual (CC) e a Estrutura Potencial dos Gêneros (EPG) das tiras autobiográfica, cômica, livre, cômica-seriada, aventura e de homenagem. Para cumprir tal objetivo, após uma ampla revisão de literatura (1989-2017) e discussão de seus marcos teóricos, expandimos as teorias sistêmico-funcionais de Hasan em direção à *configuração de gêneros multimodais* e à construção das relações entre gêneros, bem como postulamos um conceito de quadrinhos – semiótica dos quadrinhos (ou verbo-visual) – que atendessem a questões propostas na pesquisa. Por meio de nosso estudo, que levou em consideração a realização de elementos da EPG e a frequência de realização da linguagem dos quadrinhos em cada conjunto de textos, chegamos à conclusão de que existem seis gêneros de tiras e não apenas quatro como até então conhecíamos – tira cômica, a cômica-seriada, de aventura e livre (RAMOS, 2011; 2017). A tira autobiográfica surge como um gênero próprio e com características particulares, bem como a tira de homenagem.

Perceber que existem seis gêneros de tiras e não apenas quatro, leva-nos a considerar, juntamente com Ramos (2017), que, toda vez que fugimos das marcas prototípicas de um gênero, podemos criar/descobrir novos tipos de tiras, ainda não conhecidas. Da mesma forma, ao retornarmos ao passado, podemos descobrir que alguns textos considerados como tiras cômicas ou tiras seriadas, na verdade, podem ser um novo gênero da família de tiras, o qual, por falta de pesquisas mais aprofundadas, permanece escondido e/ou rotulado de um jeito que não lhe cabe adequadamente.

Quando configuramos os seis gêneros em conjunto percebemos que suas diferenças e semelhanças foram muito mais evidenciadas do que se trabalhássemos com a configuração de apenas um gênero por vez. Esse fato nos leva a concluir que ao levar os gêneros do discurso para sala de aula *devemos trabalhá-los em conjunto (por meio de famílias de gêneros parecidos) e não isoladamente, como geralmente ocorre nas aulas de língua portuguesa*. Isso levará os alunos a perceber duas questões importantes. Primeiro, que os gêneros discursivos se relacionam entre si, em relações intraespecíficas (de harmonia ou desarmonia), aquelas que ocorrem com indivíduos da mesma espécie ou gênero; e em relações interespecíficas (de harmonia ou desarmonia), aquelas que ocorrem com indivíduos de espécies ou gêneros diferentes. No caso das tiras, nossa pesquisa evidenciou a relação interespecífica harmônica de Protocooperação nas tiras autobiográficas e a relação intraespecífica harmônica de Colônia

na tiras cômica, cômica-seriada e de aventura. A academia, no momento, tem enfatizado muito mais as pesquisas *com os gêneros* do que *entre os gêneros*.

Em segundo lugar, os gêneros devem ser trabalhos em sala de aula em conjunto a fim de que os alunos possam entender e replicar sem dificuldade o padrão textual encontrado na família de gêneros estudada. Nas tiras, por exemplo, repetem-se nos seis gêneros os elementos obrigatórios: personagem ficcional (que ocorre 120 vezes em 120 textos), balão (que ocorre 101 vezes em 120 textos), legenda (que ocorre 66 vezes em 120 textos), sarjeta (que ocorre 84 vezes em 120 textos), requadro (que ocorre 107 vezes em 120 texto); como elementos opcionais temos linhas e traços (que ocorre 60 vezes em 120). Assim uma vez compreendido a marca estrutural da família de textos, pode-se entender com mais facilidade as marcas particulares de cada gênero.

Acreditamos que está no estudo entre os gêneros e sobre as famílias de gêneros a possibilidade de potencializar o aprendizado de língua portuguesa por meio dos gêneros do discurso. As teorias de Hasan, nesse sentido, constituem uma ferramenta essencial nesse processo, pois permitem, por meio da EPG, descrever tais relações. A teoria, como apresentada, permite configurar toda ordem de textos, revelando sua unidade de textura (microtextual) e de estrutura (macrotextual) (HASAN, 1989). Logo, a partir desse aporte teórico-metodológico é possível compreender com muito mais acerto as estruturas do texto, objeto de ensino e aprendizagem das aulas de língua portuguesa (ROJO & CORDEIRO, 2004; BEZERRA, 2010).

Ademais, como sabemos, aquele professor uma vez que compreenda as estruturas dos gêneros pode, com muito mais acerto, orientar seus alunos sobre as mais importantes e relevantes estruturas dos textos e seus significados (HASAN, 1989), bem como orientar a possível relação entre gêneros, caso exista.

Para nós, dialogando diretamente com as demandas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), Hasan (1989) indica, como e o quê do gênero ensinar. Sobre o “Como ensinar”, deve-se retornar à sua Estrutura Potencial (EPG); com relação ao “O que ensinar”, deve-se enfatizar, em sala de aula, os elementos obrigatórios constituintes de cada gênero.

A partir dessa constatação é preciso primeiramente que haja uma configuração de gêneros antes de levá-los ao ensino. Por isso entendemos que configurar gêneros é uma condição *sine qua non* para instrumentalização desse objeto no ensino de língua portuguesa. Somente após essa etapa é possível organizar os gêneros para uma otimização do trabalho

pedagógico em sala de aula, como fizemos preliminarmente em Simões (2016). Tal preceito também é compartilhado com outras teorias sistêmico-funcionais, como a Pedagogia de Gêneros (ROSE; MARTIN, 2012), que desde 2012 vem ganhando espaço no Brasil e nas pesquisas desenvolvidas em aporte sistêmico-funcional, e que, de maneira geral, entende que “ensinar significa fornecer aos estudantes conhecimento explícito sobre os gêneros curriculares que precisam aprender ao longo da educação escolar” (MUNIZ DA SILVA, 2015, p. 21).

Nosso trabalho difere sobremaneira das concepções da Pedagogia de Gêneros de Rose e Martin (2012), o que terminaria por consolidar no futuro uma *Pedagogia de Gêneros centrada na Estrutura Potencial (EPG)*. Entendemos que nossa concepção de trabalho acrescenta à pedagogia discussões até então não apresentadas pelas teorias sistêmico-funcionais, como é o caso do papel do suporte na configuração de gêneros do discurso, chamado pelas teorias sistêmico-funcionais de Configuração da Situação Material (CSM). Acrescentamos também bases de análise que nos permitem analisar as relações entre gêneros. Essas duas discussões parecem não estar descritas na Pedagogia de Gêneros da Escola de Sydney (ROSE; MARTIN, 2012).

Por fim cabe dizer que alguns gêneros discursivos podem requerer um marco teórico próprio de análise e investigação. Esse foi o caso da família de tiras que utiliza a semiótica dos quadrinhos (ou verbo-visual) e necessita de instrumentos teóricos capazes de descrever como elementos obrigatórios, opcionais e iterativos aspectos não verbais.

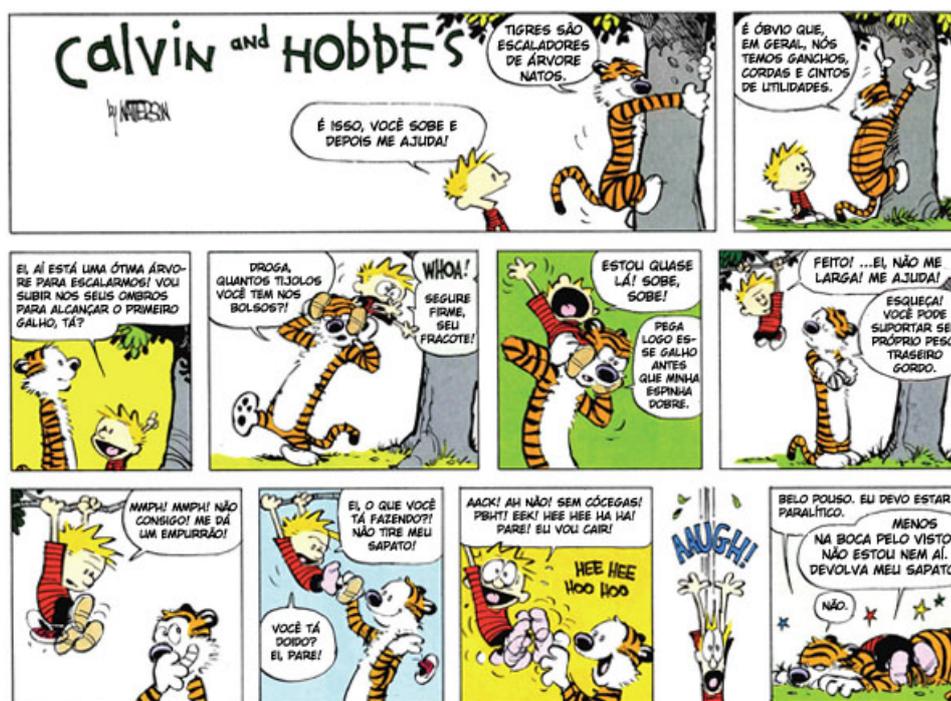
Apesar de compreender as inovações de nosso trabalho, cabe-nos descrever o que, por inúmeras razões, não foi possível alcançar em nossa pesquisa. Não foi possível, no tempo destinado ao doutorado, construir e aplicar atividades pedagógicas (ou cadernos didáticos) com as premissas de ensino alcançadas. Ainda assim, acreditamos que tais cadernos possam ser construídos no futuro. Suas premissas se pautarão, portanto, primeiramente no trabalho com as características gerais da família de tiras, e, em seguida, na comparação de tiras, a fim de se chegar às Estruturas Potenciais (EPG) dos gêneros. Os cadernos terão como foco o trabalho com a leitura, escrita e análise linguística medidos pela EPG.

Caso essa pesquisa seja aplicada em outros gêneros, deve-se levar em consideração o número de textos do corpus de investigação. Vinte textos parece uma boa quantidade para análise de tiras, charges, caricaturas, cartuns. Mas talvez esse número possa ter de aumentar ou diminuir a depender do gênero investigado. Na construção do *corpus* vale destacar que a escolha de um único autor e obra foi proposital, a fim de facilitar o futuro trabalho pedagógico

com o gênero em sala de aula. Assim, por exemplo, qualquer tira autobiográfica do livro *Minha Vida ridícula* pode ser utilizada nos exercícios. Esse fato, entretanto, possibilita tornar a análise restrita às características de um autor, o que a tornaria bastante local. Ainda assim, essa foi a maneira que encontramos de estabilizar um gênero multimodal tão difícil de apreender. Nesse sentido, compreendemos nossas limitações de pesquisa.

Como trabalhos futuros, cabe-nos investigar se existiria mais algum gênero de tiras que pertencesse à família apresentada em nossa pesquisa. Surgem como hipóteses as tiras dominicais¹²⁸ e as fototiras. Como exemplos das tiras dominicais, temos as publicadas no livro *Calvin e Haroldo: as tiras de domingo*, de Bill Watterson.

Figura 125 – Exemplo de tira dominical (?)



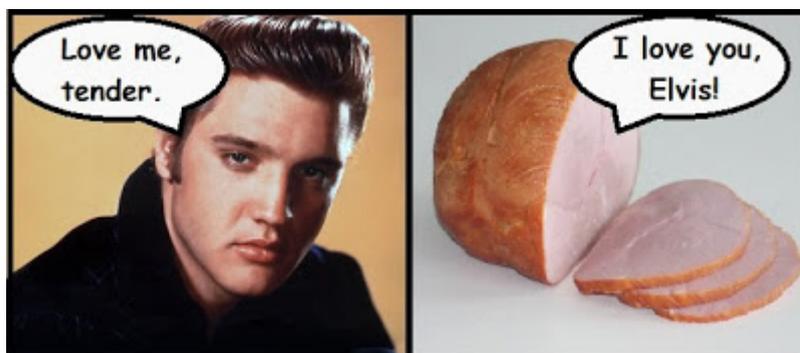
Fonte: <http://conjuntodaobra.blogspot.com.br/2015/06/calvin-e-haroldo-as-tiras-de-domingo.html>

As tiras dominicais seriam um gênero do discurso próprio que apresenta elementos da linguagem dos quadrinhos que o difere das tradicionais tiras cômicas? Essa variação começaria pelo formato?

O texto abaixo seria o gênero fototira?

¹²⁸As tiras dominicais parecem ser também os Quadrões da Ilustrada da Folha de São Paulo.

Figura 126 – Exemplo de fototira (?)



Fonte: <http://asfotonovelas.blogspot.com.br/search?q=tiras+>

O texto acima foi classificado pelo autor do blog como pequenas histórias transcritas como fotonovelas ou fototiras. Ele as caracteriza como sátiras de famosos construídas por meio de montagens de computador. Estaríamos diante de um novo gênero de tiras que utilizaria a linguagem de MEME¹²⁹?

Antes de finalizarmos a nossa pesquisa, cabe destacar alguns pontos fundamentais. Como sabemos, há inúmeros conceitos para o objeto teórico gêneros do discursivo. A fim de deixar claro como entendemos os gêneros do discurso na perspectiva sistêmico-funcional ortodoxa de Hasan, segue abaixo uma breve revisão conceitual sobre esse tema.

Quadro 163 – Os diversos conceitos de gênero

Autor	Definição	Designação
Martin	“Segundo Martin (1985, p. 250), os gêneros são a forma pela qual se faz as coisas quando a linguagem é usada para realizá-las” (DELL’ ISOLA, 2007, p. 17).	Gêneros são formas de agir.
Swales	“Para Swales (1990, p. 33), gêneros textuais são uma categoria distintiva de discurso de algum tipo, falado ou escrito, com ou sem propósitos literários” (DELL’ ISOLA, 2007, p. 17).	Gêneros são uma categoria distintiva de discurso.
Bhatia	“Bhatia (1993, p. 13) afirma que gênero é um evento comunicativo reconhecível caracterizado por um conjunto de propósito(s) identificado(s) e mutuamente entendido(s) pelos membros da comunidade profissional ou acadêmica na qual ele regularmente ocorre” (DELL’ ISOLA, 2007, p. 17).	Gênero é um evento comunicativo reconhecido.
Bazerman	Gêneros são “fenômenos de reconhecimentos psicossocial que são parte de processos de atividade socialmente organizadas” (BEZERMAN, 2005, p. 32 <i>apud</i> DELL’ ISOLA, 2007). “Além disso, Bazerman (2006, p. 23) defende que os gêneros ‘não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, modos de ser. São frames para a ação	Gêneros são fenômenos de reconhecimento psicossociais.

¹²⁹ Acreditamos que o MEME não é um gênero do discurso, mas uma linguagem que surge em muitos gêneros virtuais disponíveis na internet.

	social” (DELL’ ISOLA, 2007, p. 18).	
Bronckart	“Segundo Bronckart (1994, p. 12), os gêneros constituem ações de linguagem que requerem do agente produtor uma série de decisões para cuja execução ele necessita ter competência: a primeira das decisões é a escolha que deve ser feita a partir do rol de gêneros existentes, ou seja, ele escolherá aquele que lhe parece adequado ao contexto e à intenção comunicativa; e a segunda é a decisão e a aplicação que poderá acrescentar algo à forma destacada ou recriá-la” (DELL’ ISOLA, 2007).	Gêneros são ações de linguagem.
Adam	“Para Adam (1999, p. 40), os gêneros são um conjunto de textos que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdo, propriedades funcionais, estilo, composição e canal” (DELL’ ISOLA, 2007, p. 18).	Gênero é um conjunto de textos.
Bakhtin	“cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que chamamos gêneros do discurso” (DELL’ ISOLA, 2007, p. 18).	Gêneros são enunciados relativamente estáveis.
Schneuwly e Dolz	“Esses autores exploram os gêneros com base na metáfora dos <i>instrumentos que fundam a possibilidade de comunicação (e de aprendizagem)</i> . Assim, quando alguém tem que agir discursivamente deve instrumentalizar-se com um conjunto de ferramentas. Essas ferramentas são os gêneros” (DELL’ ISOLA, 2007, p. 23).	Gêneros são instrumentos de comunicação e aprendizagem.

Fonte: O autor, 2018

Como se vê no quadro acima, os gêneros ora se aproximam de uma construção textual (como em Adam e Marcuschi), ora discursiva (como em Swales, Bakhtin, Charaudeau) ou social (como em Martin e Bazerman). Há conceitos que admitem uma maior estabilidade das estruturas do texto e outros menos: “Bakhtin acredita em uma menor estabilidade do texto, ao contrário de Hasan, que acredita em uma maior estabilidade do texto” (SIMÕES, 2012a).

Ainda que possamos trabalhar com a noção de gênero em Hasan (1989), vale salientar que a autora não define o conceito com precisão, por isso cabe aqui mais algumas considerações sobre o tema. Para ela *o potencial semântico específico do gênero* é uma forma mais longa para se dizer gênero (HASAN, 1989, [p.108]). Ainda que já tenhamos em algum momento comentado essa questão, cabe salientar aqui as seguintes sobreposições de conceitos entre Halliday e Hasan: (a) “Potencial Semântico”, será chamado por Halliday de Contexto de Situação, e Hasan entende “todos os possíveis valores de CRM” como a CC; (b) “Potencial Semântico Específico do Gênero”, será chamado por Halliday de Registro, e Hasan o entende como Gênero – daí a sobreposição conceitual apontada por Ciapuscio (2005) entre Registro e Gênero. Já a “calibração particular dos valores da CRM” pode ser entendida como EPG. Portanto, Hasan irá trabalhar com a noção de EPG não com a noção *stricta* de gênero.

Isso nos leva a postular em nossa tese um conceito mais claro do que vem a ser gênero para Hasan, pois a autora não deixou claro tal noção – o que faz nossa conclusão relevante para os nossos estudos atuais e futuros. Como sabemos, Hasan teoriza a nível do texto, e das relações texto e contexto. Logo, isso nos faz crer que é o texto – entendido, assim como Halliday (2011, p. 144), como “o potencial de significado realizado” – a unidade básica das teorizações da autora. Nesse sentido, quando falamos em texto em nossa pesquisa estamos nos referindo as suas duas unidades de composição, a *unidade de textura* e a *unidade de estrutura*. Para nós, **o gênero é a unidade de estrutura em Hasan**, aquela responsável pela identidade genérica, onde está a Estrutura Potencial do Gênero (EPG) e as linguagens não-verbais constituintes do texto. Nesse sentido, podemos estudar somente o gênero ou somente a textura. Optamos aqui em estudar a unidade de estrutura, logo aspectos pontuais da unidade de textura (léxicogramática, construções de estilo do texto ou humor) não foram abordadas em nossa pesquisa e poderão ser estudados em outro momento.

Hasan acredita que as duas unidades de composição do texto não se relacionam, ainda que as cadeias coesivas possam apresentar “uma relação estreita com os movimentos estruturais do texto” (HASAN, 1989, p. 115), como já foi provado nos gêneros discursivos “narrativa ficcional” (HASAN, 1984b, apud, HASAN, 1984, p. 115) e “exposição” (MARTIN, 1984, apud, HASAN, 1984, p. 115).

Acreditamos que as unidades de textura e de estrutura podem se relacionar também em outros aspectos, como na frequência de certos tipos de oração, se mais períodos simples ou compostos, na frequência de tipos de sujeito, entre outros. Nossa hipótese é que cada gênero discursivo, além de selecionar uma cadeia coesiva particular, parece também selecionar uma estrutura sintática prototípica, que, de nossa parte, merece maiores estudos.

Por fim, cabe destacar que comprovamos a relação entre texto e contexto existente nos gêneros que investigamos. Como em nossa pesquisa optamos por investigar o gênero, a unidade de estrutura do texto, nada podemos dizer sobre o contexto e a unidade de textura. Logo, deixamos claro abaixo a relação existente entre texto (em sua unidade de estrutura) e contexto (Configuração Contextual).

Quadro 168 – A relação da CC com a EPG

Tira	Relação da CC com a EPG: alguns destaques
Autobiográfica	Elementos da EPG
	É o gênero de tiras que mais apresenta a legenda (53X), sendo obrigatório para esse gênero. Sua legenda possui 5 funções e é a única que apresenta a função de avaliação. É o único dos gêneros que apresenta o tempo histórico e o elemento opcional Fotoretrato. Utiliza com predomínio o plano médio.
	Configuração Contextual
	A legenda predomina no gênero, pois com a variável campo visa-se construir uma narração autobiográfica contada por meio das memórias do personagem-autor. Nesse sentido, a todo momento o autor avalia o seu passado, ora julgando-o positivamente, ora negativamente. O tempo histórico surge como uma necessidade do autor de voltar ao passado para contar a sua história. Por vezes, o autor volta a seus próprios textos, numa relação de protocooperação, para contar alguma história por trás de algum cartum que fez, o que é retratado na realização do elemento opcional fotoretrato. Destaca-se a realização do plano médio, o responsável por construir os diálogos, elemento essencial para contar a vida do autobiografado.
Cômica	Elementos da EPG
	O gênero apresenta a legenda como elemento opcional e iterativo (15%). É o único que apresenta o elemento opcional Sequência da Narração. O gênero ainda utiliza muitas gotas de expressão com diversos valores. Utiliza com predomínio o plano total.
	Configuração Contextual
	A legenda é opcional no gênero, uma vez que o campo visa contar uma história com humor e, logo, necessita de um discurso direto (com o uso do balão fala). A legenda é acionada em ocasiões particulares, quando o balão sozinho não se faz suficiente para contar a história. Quando o humor construído é interessante ele pode se replicar em outra tira (numa relação de colônia), com a realização do elemento opcional Sequência da Narração, que indica que aquele humor criado continua em outra tira. O plano total é predominante, pois enfatiza-se a criação do humor pelo personagem no cenário. As diversas gotas de suor favorecem a construção do humor.
Livre	Elementos da EPG
	É o gênero de tiras com maior número de vinhetas e o que mais usa a linguagem dos quadrinhos. Utiliza com predomínio o plano detalhe e a transição de quadros cena-pra-cena. Dos gêneros, é o único que utiliza a transição non sequitur. Apresenta como elemento obrigatório o Formato Irregular e Ponto de Reflexão, e como elemento opcional a Sinestesia. É o gênero de tiras que mais utiliza personagens figurantes.
	Configuração Contextual
	A variável campo de registro visa construir uma reflexão subjetiva de uma cena descritiva, por isso há o elemento obrigatório Ponto de Reflexão. A construção da reflexão profunda faz o autor construir um formato único (Formato Irregular) para o seu texto com (ou sem) sinestésias e non sequitur, com (ou sem) o plano detalhe focado em alguma situação, passando ou não de uma cena para outra a fim de favorecer a reflexão. Como as reflexões sobre a vida se referem a diferentes aspectos, há muitos personagens figurantes na tira.
Cômicas-Seriada	Elementos da EPG
	É o gênero que possui o menor número de elementos da EPG e, portanto, apresenta a menor complexidade. Não possui elementos próprios, além do que surgem em outras tiras. Só realiza um tipo de balão, o fala. A legenda é opcional. Há predomínio do plano médio. É a tira que mais apresenta personagens coadjuvantes.

	Configuração Contextual
	Há predomínio do balão fala, o que favorece a contação de uma história sequencial, como indica a variável campo de registro. Como o número de balões é grande, a legenda surge como elemento opcional. O plano médio utilizado favorece a construção do diálogo. Como a tira conta a história em sequência da resolução de um crime, há um alto número de personagens coadjuvantes.
Aventura	Elementos da EPG
	É o gênero que possui o maior número de elementos, portanto, apresenta a maior complexidade. Apresenta Data e Licença de Publicação como elementos obrigatórios. Há a utilização de muitas linhas de movimento. A legenda surge como elemento obrigatório. Há predomínio do plano total. É o gênero que mais utiliza o balão fala (118X).
	Configuração Contextual
	Como o campo da tira visa a construção de uma narrativa curta, sequencial cujo tema é aventura, há o predomínio das linhas de movimento para a construção da aventura, e a legenda para explicar todas as cenas de ação apresentadas, bem como muitos diálogos que se realizam com a presença do balão-fala. A aventura enfatiza as ações do personagem e o cenário, logo a presença o plano total se faz relevante. Sendo uma tira estrangeira há a licença de publicação e a data, o que marca a sequência das histórias.
Homenagem	Elementos da EPG
	É o gênero que possui o menor número de vinhetas e linguagem dos quadrinhos por texto. Só utiliza dois tipos de balão, fala e pensamento. A legenda é opcional e possui três funções, uma delas de conclusão/reflexão. Não se realiza o Espaço. Há elementos próprios como Homenagem, Encontro de Personagens, Declaração e Recordar Acontecimentos em Forma de Narração.
	Configuração Contextual
	O campo da variável de registro indica a construção de uma homenagem, logo não se realiza uma narração, a menos que seja realizado pelo elemento opcional Recordar Acontecimentos em Forma de Narração. O encontro de personagens pode ocorrer para homenagear algum artista ou personagem. A homenagem pode surgir com alguma frase característica do personagem homenageado ou pequeno diálogo, daí o uso dos balões fala ou pensamento.

Fonte: O autor, 2018

Com o quadro acima (Quadro 168), terminamos por descrever a relação existente entre texto e contexto ou contexto e texto, evidenciando a tese de Hasan, de que, de fato, as unidades do texto (no caso a unidade de estrutura) se relacionam com a Configuração Contextual (CC).

REFERÊNCIAS

AGÜERO, C. S. ¿Conforman las sentencias penales un género discursivo?. *Estudios filológicos*, n. 53, p. 7-26, 2014.

ALBUQUERQUE, G. de P. G; ALMEIDA, T. L. J. de; MELO, I. F. *Língua: código, expressão ou interação*. Disponível em: <<http://linguaportuguesa.uol.com.br/linguaportuguesa/gramatica-ortografia/28/artigo210087-1.asp>>. Acesso em: 14 fev. 2014.

ALCÂNTARA, A. C. B. *Análise do gênero portuário NOR sob a ótica da linguística sistêmico-funcional*. 2013. 92f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

ANDRELINO, P. J. *Análise da estrutura genérica das instruções na fala do professor de inglês: contribuições para o teste oral do Epple*. 2014. 358f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2014.

ANSARY, H. *A cross-cultural analysis of English newspaper editorials*. 2004. Tese (Doutorado) - Shiraz University, 2004.

ANSARY, H; BABAI, E. A cross-cultural analysis of English newspaper editorials: A systemic-functional view of text for contrastive rhetoric research. *RELC Journal*, v. 40, n. 2, p. 211-249, 2009.

_____. The generic integrity of newspaper editorials. *RELC Journal*, v. 36, n. 3, p. 271-295, 2005.

ARNT, J.; CATTO, N. Entre funções e metafunções: estudo comparativo entre Jakobson e Halliday. *Revista Linguagem – Estudos e Pesquisas*, Catalão, v. 14, n. 2, p.95-109, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/lep/article/viewFile/34377/18113>>. Acesso em: mar. 2015.

BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 277-326.

BARBOSA, A. G. Fontes escritas e história da língua portuguesa no Brasil: as cartas de comércio no século XVIII. In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do. (Org.). *História social da língua nacional*. 1.ed. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008. p. 181-211. (Coleção FCRB Aconteceu; 5).

BARBOSA, A. Mangás em sala de aula. In: VERGUEIRO, W; RAMOS, P (Org.). *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 103-125.

BARBOSA, J. P. *Receita*. São Paulo: FTD, 2003. (Coleção trabalhando os gêneros do discurso: instruir).

BAWARSHI, A. S; REIFF, M. Jo. *Gêneros: história, teoria, pesquisa, ensino*. Tradução Benedito Gomes Bezerra. 1.ed. São Paulo: Parábola, 2013.

BEX, T. The genre of advertising. *Revue belge de philologie et d'histoire*, v. 71, n. 3, p. 719-732, 1993.

BEZERRA, B. G. Do manuscrito ao livro impresso: investigando o suporte. In: CAVALCANTI, M. et al. *Texto e discurso sob múltiplos olhares, v.1: gêneros e sequências textuais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 8-37.

_____. *Gêneros introdutórios em livros acadêmicos*. 2006. Tese (Doutorado) - CAC, UFPE, Recife, 2006.

BEZERRA, M. A. Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos. In: DIONÍSIO, A. P; MACHADO, A. R; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: 2010. p. 39-49.

BOWCHER, W. L.; LIANG, J. Y. GSP and Multimodal Texts. In: *Society in Language, Language in Society*. Palgrave Macmillan UK, 2016. p. 251-274.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)*. Brasília, 1998.

BUNZEN, C. O ensino de “gêneros” em três tradições: implicações para o ensino-aprendizagem de língua materna. Disponível em: <http://www.letramento.iel.unicamp.br/publicacoes/artigos/o_ensino_de_generos_ClecioBunzen.pdf> . Acesso em: 01 mar. 2015.

CAHILL, J. *Professor of linguistics, Ruqaiya Hasan, leaves widely respected intellectual legacy*. Disponível em: <<http://www.smh.com.au/comment/obituaries/professor-of-linguistics-ruqaiya-hasan-leaves-widely-respected-intellectual-legacy-20150722-gihsf9.html#ixzz3uOILUgpJ>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

CARVALHO, D. G; NASCIMENTO, M. *Gramática histórica*. São Paulo: Ática, 1969.

CASSIANO. Retrato falado. In: MACHADO, Aderbal. *Polícia Civil caça assaltante da lotérica do Angeloni*. Disponível em: <<http://aderbalmachado.blogspot.com/2009/09/policia-civil-caca-assaltante-da.html>>. Acesso em: 15 Mai. 2011.

CHENGGANG, D. Generic Structure Potentials, Semantic Attributes and Lexiogrammatical Patterns [J]. *Journal of Xi'an International Studies University*, v. 3, p. 0-10, 2008.

CHEUNG, H. L. F. *Iconic Solidarity of Comics Canonical Schema: a multimodal case study of narrative stages realisation on a civil war comic chapter*. 2014. Tese (Doutorado) - Department of English, The Hong Kong Polytechnic University, China, 2014.

CIAPUSCIO, G. La noción de género en la Lingüística Sistémico Funcional y en la Lingüística Textual. *Revista Signos*, vol. 38, n 57, 2005. p. 31-48. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/1570/157013764003.pdf>>. Acesso em: Dez. 2012.

CKM. Ilustração. In: MUNIZ, Maurício. Por que assistir Wolverine no cinema e não na cópia vazada?. *Revista Mundo dos super-heróis*. n. 16, p. 982010.

CONTO, J. M. de. *O sistema de gêneros da seleção de candidatos a emprego no contexto empresarial*. 2008. 104f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

COOPER, J. S. *O Macrogênero drama Norte-Riograndense: uma análise de gênero e de discurso sob a perspectiva da linguística sistêmico-funcional*. 2013. 280f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. 2.ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CRUZ, M. T. J. O. Gêneros textuais e práticas discursivas jurídicas: a arquitetura de uma petição inicial. *Interdisciplinar*, ano 5, v. 10, p. 227-243, 2010.

DELL'ISOLA, R. L. P. *Retextualização de gêneros escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DJIGUIMDE, R. M. *Bargaining in Bobo-Dioulasso clothing stores: structure, rules and discourse strategies*. 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Ball State, 2014.

EGGINS, S. *An introduction to systemic functional linguistics*. London: Pinter Publishers, 1994. p. 25-80.

EISNER, W. *Quadrinhos e arte sequencial*. Trad. de Luís Carlos Borges. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FARACO, C. A. Considerações sobre a escola e a mídia impressa. Texto impresso, 2010. In: _____. *Diretrizes para o uso de tecnologias educacionais*: Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Diretoria de Tecnologias Educacionais. Curitiba: SEED/PR, 2010.

_____. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. v. 3. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 27-52.

FARENCENA, G. S; FUZER, C. A caracterização da fábula a partir de seu Potencial de Estrutura Genológica (PEG). *Revista Linguagem & Ensino*, v. 15, n. 1, p. 65-86, 2012.

FENTON-SMITH, B. Discourse structure and political performance in adversarial parliamentary questioning. *Journal of language and politics*, v. 7, n. 1, p. 97-118, 2008.

FERREIRA, J. C; VARGAS, C. da; BORTOLUZZI, V. I. Leitura e análise de gêneros discursivos de um processo penal: configuração contextual e estrutura potencial de gênero. *Disciplinarum Scientia*, Santa Maria, v. 7, n. 1, p. 117-135, 2006.

FONSECA, V. N. da S; VIEIRA, M. M. C. Configuração Contextual e Estrutura Potencial do Gênero discursivo relatório de estágio supervisionado: entrelaçando ensino e formação de professores. *Pensares em Revista*, São Gonçalo, RJ, n.3, p. 58-77, jul./dez. 2013.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. (Org.). *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Santa Maria: UFSM, 2010. Mimeo.

_____. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2014. p. 17-19.

GHIÓ, E. & FERNÁNDEZ, M. *Manual de lingüística sistêmico funcional: el enfoque de M.A.K. Halliday R. Hassan. Aplicaciones a la lengua española*. Santa Fé Universidad Nacional del Litoral, 2005. p. 9-21; p. 23-51.

GOUVEIA, C. A. M. Texto e gramática: uma introdução à lingüística sistêmico-funcional. *Revista Matraca*, Rio de Janeiro, v.16, n.24, jan-jun, 2009. p. 13-47.

HALLIDAY, M. A. K. *El Lenguaje como semiótica social: la interpretación social del lenguaje y del significado*. Tradução Jorge Ferreiro Santana. México: Fondo de Cultura Econômica, 2001. p. 135-142; 143-166; 237-249.

HASAN, R. Introduction: a working model of language. In: HASAN, R.; MATTHIESSEN C.; WEBSTER, J. J. *Continuing discourse on language*. London: Equinox Publishing, 2005a. p. 37-52.

_____. Language and society in a systemic functional perspective. In: HASAN, R.; MATTHIESSEN C.; WEBSTER, J. J. *Continuing discourse on language*. London: Equinox Publishing, 2005b. p. 55-80.

_____. Parte B. In: HALLIDAY, M. A. K; HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Geelong, Vic: Editora Deakin University, 1989. p. 52-69; p. 97-116.

_____. The nursery tale as a genre. In: CHORAN, C.; BUTT, D.; WILLIAMS, G. (Ed.). *Ways of saying of meaning: selected papers of Ruqaiya Hasan*. London: Cassell, 1996. p. 61-72.

HORVATH, B. M. An empirical study of textual structure: horse race calls. In: GUY, G. R. *Amsterdam Studies in the theory and history of linguistic science series 4*, p. 103-120, 1997.

ILARI, R. O estruturalismo lingüístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, F; BENTES, A. C. *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. v. 3. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 53-92.

JUNIOR, J. C. *Português para o ginásio*. 16. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1950.

KHALID, M. et al. *A linguistic analysis of three genres associated with the ship RMS Queen Elizabeth*. 2013. Tese (Doutorado) - University of Glasgow, 2013.

KILOV, A. M.; TOGHER, L.; GRANT, S. Problem solving with friends: Discourse participation and performance of individuals with and without traumatic brain injury. *Aphasiology*, v. 23, n. 5, p. 584-605, 2009.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

KRESS, G; HASAN, H; MARTIN, J. R. *Interview* – M. A. K. Halliday, Mai 1986. Disponível em: <<http://sfs.scnu.edu.cn/halliday/show.aspx?id=67&cid=101>>. Acesso em: 08 Dez. 2015.

_____; VAN LEEUWEN, T. Colour as a semiotic mode: notes for a grammar of colour. Tradução e adaptação para o espanhol Lucía Hellín em Julho de 2010. *Visual Communication*. London, v. 1, n.3, p. 343-368, 2002.

LAYBUTT, B. E. *Collocation and textual cohesion: a comparative corpus study between*. 2009. Dissertação (Mestrado) - University of Birmingham, 2009.

LIMA, Y. D. R. *Forma e função em gêneros digitais: estrutura composicional e traços léxico-gramaticais no macrogênero blog*. 2017. 77f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

LUKIN, A. Language and society, context and text: The contributions of Ruqaiya Hasan. In: *Society in language, language in society*. Palgrave Macmillan UK, 2016. p. 143-165.

MACEDO, A. V. T. de. Funcionalismo. *Veredas: revista de estudos linguísticos*, Juiz de Fora, v. 1, n.2, p. 71-88. 1998.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, B. Escrevendo na escola para a vida. In: RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues (Org.). *Língua portuguesa: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 65-84. (Coleção explorando o ensino, 19.).

MARCUSCHI, L. A. *A questão do suporte nos gêneros textuais*. (Versão provisória 18/05/2003). Disponível em: <<http://bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/GEsuporte.doc>>. Acesso em: 10 dez. 2009.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2010.

MARSHALL, D. *Pesquisadores da linguagem no ciberespaço: um estudo sobre o gênero homepage pessoal*. 2005. 116f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2005.

MARTINS, N. S. A. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. 4. ed. rev. 2. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2012. p. 17-44.

MCCLLOUD, S. *Desvendando os quadrinhos*. Tradução Hécio de Carvalho; Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: Makron Books, 1995.

_____. *Reinventando os quadrinhos*. Tradução Roger Maioli. São Paulo: Makron Books, 2006.

MENDEZ, M. *Caricaturas e caricaturados*. [S.l.]: Tecnoprint, 1986.

MENDONÇA, M. de S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinho. In: DIONÍZIO, Â. P; MACHADO, A. R; BEZERRA, M A. *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola, 2010. p. 209-224.

MIRET, A, M. El potencial de la estructura genérica de la sección discusión en ciencias médicas. In: CASTEL, V. M. *El artículo científico en inglés: aspectos teórico-descriptivos pedagógicos y computacionales de una modelización sistémico-funcional*. Mendoza, Argentina: Editora da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Nacional de Cuyo, 2010. p. 129-164.

MOORE, A. R. *The discursive construction of treatment decisions in the management of HIV disease*. 2003. Tese (Doutorado) – Universidade de Macquarie, 2003.

_____; TUCKWELL, K. A tenorless genre? Forensic generic profiling of workers' compensation dispute resolution discourse. *Linguistics & the Human Sciences*, v. 2, n. 2, 2006.

MOORE, S. H. Managing rhetoric in 'smart' journalism: Generic and semantic contours. *Text & talk*, v. 26, n. 3, p. 351-381, 2006.

MOREIRA-FERREIRA, M. M; VIAN JR, O. Gêneros do discurso em transformação: um estudo comparativo da Estrutura Potencial dos gêneros diário e Blog sob a perspectiva sistémico-funcional. *The ESpecialist*, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 117-136, 2007.

MORIS, J. P; NAVARRO, F. Género y registro en la Lingüística Sistémico Funcional. Un relevo crítico. Trabalho apresentado no I Colóquio Argentino del Grupo ECLAR "Texto e Género", La Plata, 3 y 4 de diciembre de 2007. Disponível em: <<http://discurso.files.wordpress.com/2009/03/moris-navarro2007genero-y-registro-en-la-lsfcoloquio-texto-y-genero.pdf>>. Acesso em: dez. 2012.

_____. Registro y género: cómo entiende la Lingüística Sistémico-Funcional las clases estables de textos. In: *Revistas Texturas* 1 (11), 67-85. 2011. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.unl.edu.ar/ojs/index.php/Texturas/article/viewFile/2899/4211>> . Acesso em: mar. 2015.

MOTTA-ROTH, D. *Rherorical features and disciplinary cultures: a genre-based study of academic book reviews in Linguistics, Chemistry, and economics*. 1995. 311f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

MOTTA-ROTH, D.; HERBELE, V. M. O conceito de “estrutura potencial do gênero” de Ruqaiya Hasan. In: MEURER, J. L.; BONINI, A; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 12-28.

MUNIZ DA SILVA, Edna Cristina. Ciclo de aprendizagem baseado em gêneros. *Linguagem - Estudos e Pesquisas*, v. 19, n. 02, p. 19-37, jul./dez. 2015.

NAVARRO, F. D. *Análisis Histórico del Discurso. La evaluación en las reseñas del Instituto de Filología de Buenos Aires (1939-1989)*. 2011. Tese (Doutorado) - Universidade de Valladolid, 2011.

NEVES, M. H. de M. A gramática: conhecimento e ensino. In: AZEVEDO, J. C. *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 52-73.

OTTONI, M. A. R. O gênero oral entrevista em estúdio na perspectiva da análise crítica do discurso crítica e da linguística sistêmico-funcional. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 1, 2009, Uberlândia, *Anais...* Minas Gerais: UFU, 2009, p. 01-16.

OYEBODE, O; UNUABONAH, F. O. Coping with HIV/AIDS: A multimodal discourse analysis of selected HIV/AIDS posters in south-western Nigeria. *Discourse & Society*, v. 24, n. 6, p. 810-827, 2013.

PATPONG, P. *A systemic functional interpretation of Thai grammar: An exploration of Thai narrative discourse*. 2006. Tese (Doutorado) - Macquarie University Sydney, Australia, 2006.

_____. Language of persuasion: An analysis of selected samples from talisman advertisements. *Systemic Functional Linguistics in Use, OWPLC*, v. 29, p. 633-664, 2008.

PEREIRA, B. G; OLIVEIRA, E. de J. Estrutura Potencial do Gênero em relatórios de estágio supervisionado: uma comparação entre licenciaturas em matemática do Pará e do Tocantins. *Revista Memento*, v.5, n.1, p. 1-10, 2014.

PERINI, M. *Princípios de linguística descritiva*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 105-113.

PEZATTI, E G. O funcionalismo em linguística. In: MUSSALIM, F; BENTES, A. C. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. v. 3, p. 165-217.

POSSENTI, S. O estilo na linguística. In: _____. *Discurso, estilo e subjetividade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. cap. 10, p. 249-274.

RAMOS, P. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. *Faces do humor: uma aproximação entre piadas e tiras*. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2011. p. 111-137.

_____. *Revolução no gibi: a nova cara dos quadrinhos no Brasil*. São Paulo: Devir, 2012.

RAMOS, P. *Tiras e piadas: duas leituras, um efeito de humor*. 2007. 224f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007.

_____. *Tiras livres: um novo gênero dos quadrinhos*. Paraíba, João Pessoa: Marca de Fantasia, 2014.

_____. Tudo começou com um email: prefácio. In: ITURRUSGARAI, Adão. *Momentos brilhantes de minha vida ridícula*. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2012. p. 3.

_____. *Tiras no ensino*. São Paulo: Parábola, 2017.

REN, G. An Overall Review of Linguistic Research on Genre. *Review of European Studies*, v. 2, n. 2, p. 232-235, Dec. 2010. Disponível em: <<http://www.ccsenet.org/journal/index.php/res/article/viewFile/8458/6301>> . Acesso em: mar. 2015.

RIBEIRO, M. R. A Estrutura Potencial do Gênero Boletim de ocorrência sobre crimes de linguagem contra a honra. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n.48, p. 120-143, 2014.

ROCHA, S. M. R. G. da. *O gênero textual na EJA: configuração contextual e estrutura potencial de gênero*. 2010. 169f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos. In: ROJO, R; MOURA, E (Org.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012, p. 11-31.

ROJO, R; CORDEIRO, G. S. Gêneros orais e escritos como objeto de ensino: modos de pensar, modos de fazer. In: ROJO, R; CORDEIRO, G. S. (Org.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 07-18.

ROSE, D.; MARTIN, J. R. *Learning to Write, Reading to Learn: genre, knowledge and pedagogy in the Sydney School*. London: Equinox, 2012.

SANO, M. The rhetoric of editorials: a japanese case study. In: THOMSON, E. A; WHITE, P. R. R. *Communicating conflict multilingual case studies of the news media*. London: Continuum International Publishing Group, 2008. p. 97-118.

SANTOS, L. W; RICHE, R. C; TEIXEIRA, C. S. *Análise e produção de textos*. São Paulo: Contexto, 2012.

SARDINHA, A. P. B. *Automatic identification of segments in written texts*. 1997. 541p. Tese (Doutorado) – Universidade de Liverpool, 1997.

SARDINHA, T. B. *Linguística de corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004. p. 1-43.

SAUTCHUK, I. *Prática de morfossintaxe: como e porque aprender análise (morfo) sintática*. São Paulo: Manole, 2010. p. 43-71.

SAVIOLI, F. P. O percurso das gramáticas nas ações escolares. In: NEVES, M. H. de M; CASSEB-GALVÃO, V. C. *Gramáticas contemporâneas do português*. São Paulo: Parábola, 2014. p. 134-153.

SEE, O. Y, M. *An investigation of characters from online virtual worlds for children from a systemic-functional perspective*. 2012. Tese (Doutorado) - Universidade de Singapura, 2012.

SHOKOUHI, H; AMIN, F. A systemist'verb transitivity'analysis of the Persian and English newspaper editorials: a focus of genre familiarity on EFL learner's reading comprehension. *Journal of language teaching and research*, v. 1, n. 4, p. 387-396, 2010.

SILVA, E. A. da; BRUM, M. H. A organização retórica do gênero sessão reflexiva em um programa de formação continuada. *Revista Intercâmbio*, São Paulo, 2014. v. 24, p. 186-201.

SILVA, L. P. da. *As dificuldades de comunicação argumentativas em fóruns de discussão online com finalidade pedagógica*. 2010. 125f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicado e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

SILVA, L. P. da. *As dificuldades de comunicação argumentativas em fóruns de discussão online com finalidade pedagógica*. 2010. 125f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicado e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

SILVA, W. R. Escrita do gênero relatório de estágio supervisionado na formação inicial do professor brasileiro. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 171-195, 2013.

_____. Proposta de análise textual-discursiva do gênero relatório de estágio supervisionado. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 28, n. 2, p. 281-305, 2012.

_____; ESPINDOLA, Elaine. Afinal, o que é gênero textual na Linguística Sistêmico-Funcional? *Revista da ANPOLL*, São Paulo, v. 1, n. 34, p. 259-307, 2013.

_____; FAJARDO-TURBIN, Ana Emília. Relatório de estágio supervisionado como registro da reflexão pela escrita na profissionalização do professor. *Polifonia*, v. 18, n. 23, p. 103-127, 2011.

SILVERMAN, D. *Interpretações de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações*. Tradução Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SIMÕES, A. C.; CAMARA, T. M. N. L. Os quadrinhos como uma semiótica particular. In: V COLÓQUIO INTERNACIONAL DE SEMIÓTICA: MÍDIA E COMUNICAÇÃO – O VERBAL E O NÃO VERBAL EM AÇÃO, 5., 2015, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UERJ, 2015.

_____. *A configuração de gêneros multimodais: um estudo sobre a relação gênero-suporte nos gêneros discursivos tira cômica, cartum, charge e caricatura*. Viçosa, 2010. 140f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Viçosa, 2010.

SIMÕES, A. C. A configuração do gênero discursivo fotonovela: um gênero dos quadrinhos em vias de extinção. In: II SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE LINGUAGEM HUMORÍSTICA: FOCALIZANDO QUADRINHOS, 2., 2014, Vitória. *Caderno de resumos*. Vitória: UFES, 2014.

_____. A Estrutura Potencial do Gênero (EPG) uma teoria pouco falada? In: IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ANÁLISE DO DISCURSO, 4, 2016, Belo Horizonte. (inédito).

_____. As tiras cômicas e o ensino de língua portuguesa. *Gláuks*. v. 16, n. 1, p. 42-62, 2016.

_____; GOMES, M. C. A. *Panorama de estudos linguísticos sobre o suporte: proposições e debates*. In: GLÁUKS, v. 11, n.1, 2011.

_____; COSTA, L. P. A. Quadrinhos: proposições e debates. In: I JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, 2011, São Paulo. *Anais eletrônicos...* Disponível em CD.

_____. A configuração do gênero caricatura: uma abordagem sistêmico-funcional. *Prolíngua*, Paraíba, v. 6, n.2, p. 05-23, 2011a.

_____. A configuração do gênero discursivo charge e sua articulação com o ensino de língua portuguesa: uma abordagem sistêmico-funcional. In: CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS, 1, 2011, Vitória. *Anais...* Vitória: UFES, 2011b, p. 1-4.

_____. A configuração do gênero tira autobiográfica: uma abordagem sistêmico-funcional. In: JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, 2, 2013, São Paulo. *Anais...* São Paulo: USP, 2013a, p. 1-14.

_____. A perspectiva sistemicista de análise de gêneros: a proposta de Ruqayia Hasan. *Linguasagem*, São Paulo, v.1, n.19, p. 1-17, 2012a.

_____. El estado de arte de la teoría de Ruqaiya Hasan: ¿dónde están las pesquisas sobre el Potencial de Estructura Genérica (PEG)? *Texturas*, Argentina, n. 15, p. 83-96, 2016.

_____. O gênero multimodal cartum e sua articulação com o ensino de língua portuguesa. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA, 1, 2012, Uberlândia, *Anais...* Minas Gerais: UFU, 2012b, p. 01-10.

_____. Os gêneros discursos na sala de aula: proposições didáticas para o ensino superior e outros segmentos de ensino. *Revista Práticas de Linguagem*, v. 3, n. 2, p. 49-58, 2013b.

_____; GOMES, M. C. A. O gênero multimodal charge e sua articulação com o ensino de língua portuguesa: proposições didáticas. *Revista Triângulo*, Uberaba, v.5, n.2, p. 22-44, Jul./Dez. 2012.

SOARES, M. Prefácio. In: COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. 2.ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 7-9.

SOARES, M. Português na escola: história de uma disciplina curricular. In: BAGNO, Marcos (org). *Linguística da Norma*. 2ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____; RODRIGUES, Adilson. *Comunicação em língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A, 1974.

SOUZA, A. A. de. *Do the right, be firm, be fair: a systemic functional investigation of national anthems written in English*. 1998. 199f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

TÁVORA, A. D. F. *Construção de um conceito de suporte: a matéria, a forma e a função interativa na atualização de gêneros textuais*. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

THOMPSON, G; COLLINS, H. Interview with M. A. K. Halliday, Cardiff, July 1998. In: *DELTA*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 131-153, 2001. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502001000100006>>. Acesso em: 14 dec. 2015.

THOMSON, E. A. Informing curriculum design using genre analysis: A study of three genres in Japanese. In: BURKE, B. *Innovative Practice in Japanese Language Education*, 2005. p. 17-41.

TOGHER, L. et al. Exchanges of information in the talk of people with traumatic brain injury. In: MCDONALD, S; TOGUER, L; CODE, C. *Communication disorders following traumatic brain injury*, 1999. p. 113-145.

TOGHER, L.; HAND, L.; CODE, C. Measuring service encounters with the traumatic brain injury population. *Aphasiology*, v. 11, n. 4-5, p. 491-504, 1997.

TOGHER, L.; HAND, L. The macrostructure of the interview: Are traumatic brain injury interactions structured differently to control interactions?. *Aphasiology*, v. 13, n. 9-11, p. 709-723, 1999.

TOGHER, L; MCDONALD, S; CODE, C; GRANT, S. Training communication partners of people with traumatic brain injury: A randomised controlled trial. *Aphasiology*, v. 18, n. 4, p. 313-335, 2004.

TOSI, M. R. *Didática geral: um olhar para o futuro*. 3. ed. rev. atual. Campinas: Editora Alínea, 2003. p. 201-220.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. Tradução e Adaptação Rodolfo Ilari. Revisão Técnica Ingedore Villaça Koch e Thaís Cristófaros Silva. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 46 (verbetes Behaviorismo); p. 184 (verbetes linguística sistêmica).

VALENTE, A. *A linguagem nossa de cada dia*. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1997.

VERGUEIRO, W. A linguagem dos quadrinhos uma “alfabetização” necessária. In: _____; RAMA, A (Org.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 3. ed. 3.reimp. São Paulo: Contexto, 2009b. p. 7-29.

VERGUEIRO, W. Uso das HQ no ensino. VERGUEIRO, W; RAMA, A (Org.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 3ed. 3. reimp. São Paulo: Contexto, 2009a. p. 7-29.

VERGUEIRO, W; RAMOS, P. Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN ao PNBE. In: _____; _____. (Org.). *Quadrinhos na educação*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 9-41.

VERGUEIRO, W; RAMOS, P; CHINEN, N. Interseções acadêmicas: panorama das 1as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos. In: VERGUEIRO, W; RAMOS, P; CHINEN, N. (Org.). *Interseções acadêmicas: panorama das 1as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos*. São Paulo: Criativo, 2013. p. 6-23.

VIAN JR, O. *Conceito de gênero e análise de textos de vídeos institucionais*. São Paulo, 1997. 129f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

_____. Estruturas potenciais de gêneros na análise textual e no ensino de línguas. In: *Revista Linguagem em (Dis)curso*, v. 9, n. 2, maio/set. 2009.

_____; LIMA-LOPES, R. E. A perspectiva teleológica de Martin para a análise dos gêneros textuais. MEURER, J. L; BONINI, A; MOTTA-ROTH, D. *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 29-45.

_____; MOREIRA-FERREIRA, M. C. Gêneros do discurso em transformação: um estudo comparativo da estrutura potencial dos gêneros diário e blog sob a perspectiva sistêmico-funcional. *The Especialist*, v. 28, n. 2, p.117-136, 2007. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/6171/4489>> . Acesso em: 03 fev. 2016.

_____. Gêneros discursivos e conhecimento sobre gêneros no planejamento de um curso de português instrumental para ciências contábeis. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, v. 6, n. 3, set./dez, 2006. p. 389-411.

_____; IKEDA, Sumiko Nishitani. O ensino do gênero resenha pela abordagem sistêmico-funcional na formação de professores. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.12, n.1: jan./jun, 2009. p. 13-32.

_____. O ensino de inglês instrumental para negócios, a Linguística sistêmico-Funcional e a teoria do gênero/registo. *The ESPECIALIST*. v. 24, n. 1, p. 1-16, 2003.

WEBSTER, J. J; M. A. K. Halliday: the early years, 1925-1970. In: HASAN, R.; MATTHIESSEN C.; WEBSTER, J. J. *Continuing discourse on language*. London: Equinox Publishing, 2005. p. 3-13.

XIU-LAN, C. H. E. N. Analysis of the limitations of generic structure potential theory by taking company profile as example. *Journal of Huaqiao University (Philosophy & Social Sciences)*, v. 2, p. 19, 2013.

XU, X; WANG, Y; FOREY, G; LI, L. Analyzing the genre structure of chinese call-center communication. *Journal of Business and Technical Communication*, v. 24, n. 4, p. 445-475, 2010.

YUEN, C. Y. The construal of Ideational meaning in print advertisements. In:
O'HALLORAN, K. *Multimodal discourse analysis: systemic functional perspectives*.
London: Continnum, 2004, p. 163-195.

ZIPSER, M. E. *Uma análise linguística de cartas comerciais em alemão: contexto e texto*.
1993. 163f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Catarina,
Santa Catarina, 1993.

ANEXOS

O *corpus* de pesquisa (C01 a C120) pode ser acessado pelo link ou QRCode abaixo:



<https://www.dropbox.com/sh/d4e5jafuz9l8y1h/AAA6eIbJqbn7FUMvNUBvFmkVa?dl=0>